

O SENTIDO DAS PÁGINAS: LETRAMENTO VISUAL DE ADULTOS NO INÍCIO DA ALFABETIZAÇÃO

Ana Elisa Ribeiro¹

Considerações iniciais

A palavra “página”, segundo alguns dicionários, tem origem no latim *pagĭna* e queria dizer “coluna de papiro” ou de alguma espécie de planta da qual se unissem as folhas e, dessa união, resultasse um retângulo. Em tempos de tecnologias digitais (portanto, “novas tecnologias” em relação à “história de longa duração da leitura”, na expressão de Chartier, 2001), a página continua um forte elemento referencial para as novas propostas de interfaces, mesmo as digitais (COSTA, 2010). Na superfície geométrica a que chamamos página estão, em geral, inscritos, além dos textos ou das imagens, uma certa ordem ou hierarquia, assim como uma trilha que orienta o leitor em sua atividade. Estão também inscritas uma lógica, uma retórica ou um discurso visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001). Michel de Certeau (1994: 49) chamava esse “campo” de inabitável, utilizando a metáfora do apartamento alugado, ou de campo de caça, onde um leitor se apropriava do que não era dele, num movimento de flutuação constante, lugar em que “o olho viaja”.

As páginas do século XX viram nascer o *grid*, isto é, a grade que posiciona o texto em quadrantes, retângulos, quadrados, espaços que, além de disporem o texto e as imagens, dão um sentido de começo, meio, fim, de antes, depois, menos ou mais importante, prioritário, real, irreal. Uma teoria sobre essa tal espacialidade pode ser vista em Kress e Van Leeuwen (2001; 2006), autores que traçam análises sociosemióticas do espaço e da expressão gráficos, especialmente em jornais (KRESS; VAN LEEUWEN, 1998).

Muito embora pareçam óbvios, os caminhos propostos (por alguém) ao leitor são aprendidos, descobertos, revelados, desvelados e mesmo calculados. A naturalidade com que lemos colunas, títulos ou retrancas jornalísticas precisa ser relativizada. O letramento construído ao longo da convivência com a cultura impressa nos dá essa

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET— MG)

intimidade. Neste trabalho, quer-se, justamente, desnaturalizar as trilhas da leitura da página e mostrar, nos descaminhos (ou nos caminhos) do analfabeto, os sentidos que a página guarda, assim como os sentidos que o “leitor” percebe, mesmo quando não sabe ler palavras.

1 Letramentos de adultos analfabetos

Considera-se, aqui, o letramento conforme descrito por Soares (2004), isto é, a apropriação social que se faz da cultura escrita e da própria alfabetização. São comuns as adjetivações dos letramentos, sendo o letramento visual (DONDIS, 2000) um dos recortes possíveis nos estudos dos letramentos.

Letramento visual é, segundo Dondis (2000), a compreensão da sintaxe visual subjacente à comunicação feita por meio de imagens. Para a autora, trata-se de um letramento de suma importância nos dias de hoje. A perspectiva sob a qual Dondis trabalha difere um tanto da de Kress e Van Leeuwen, que constroem sua teoria da gramática visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) sobre as bases da linguística funcional de MAK Halliday. Para Dondis (2000), a linguagem visual tem uma gramática própria, e uma analogia com processos verbais não seria pertinente.

Abordar o letramento visual parece ser uma escolha inserida em um cenário mais amplo: o dos estudos dos letramentos. Em uma analogia com a abordagem de Magda Soares (2004), o letramento visual poderia ocorrer em ambientes informais, e não apenas na escola. Já a alfabetização visual deveria supor a aprendizagem de uma técnica e de certo nível de decodificação.

Neste trabalho, estamos tratando propriamente do letramento visual de adultos analfabetos, isto é, pessoas que não tiveram acesso a uma aprendizagem formal dos aspectos da linguagem visual, mas que convivem em um mundo em que peças gráficas multimodais fazem parte do cotidiano.

2 Multimodalidade

A navegação de uma página é, em grande medida, sugerida pelo seu leiaute². São elementos do leiaute, entre outros, o *framing* e a saliência (KRESS; VAN

² A palavra vem do termo inglês *layout*. Preferimos utilizar, ao longo do artigo, a grafia em português constante nos dicionários Aurélio (edição de 2009) e Houaiss (edição de 2001).

LEEUVEN, 2001; 2006). De que maneira indivíduos que não sabem ler interagem com o que a diagramação lhes sugere? Refinando um pouco a discussão de Kress e Van Leeuwen sobre leiaute, dizemos que algumas páginas têm grau modal maior, outras o têm menor, sendo que materiais de inscrição, tipos de suporte e outras contingências estão relacionados à configuração do leiaute. Dessa forma, livros técnicos cujas páginas apresentam apenas “texto corrido”, ou seja, uma mancha gráfica de texto verbal, apresentam leiaute multimodal, sim, porém com efeitos para a leitura diversos dos das páginas de uma revista de fofoca ou de um livro infantil. Da mesma maneira que a página bonita e arejada de uma revista de moda tem efeitos sobre o leitor, provavelmente positivos, a mancha escura e monótona do livro traz efeitos para a leitura e para a disposição de quem o lê. Pela ausência ou pela presença de colunas, ou melhor, brancos que separam ou juntam blocos; pela contiguidade percebida entre eles; pela existência de fundos sutis que levam o leitor a priorizar a leitura ou a deixá-la para depois; pela colocação de fontes de corpos ou de formas diversos, entre outros elementos.

A saliência são os pontos mais altos, mais atraentes, menos discretos do desenho topográfico da página. Isso deve ter efeitos sobre a navegação de cada leitor, que, por sua vez, faz suas escolhas (dentro de uma palheta pré-configurada) conforme seus objetivos de leitura, por exemplo. O *framing* é a qualidade de expressão gráfica que dá aos elementos da página alguma unidade, conexão ou desconexão.

3 Método

Com foco na relação entre letramento visual e as expectativas da leitura de um objeto impresso, o jornal, que poderia ser familiar aos jovens e adultos entrevistados nesta pesquisa, visitamos uma turma de alfabetização de uma escola municipal (rede de Belo Horizonte) que oferecia Educação para Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite. A Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri está localizada na periferia da cidade, em região de aglomerados conhecida como Vila Cemig, um dos maiores bolsões de pobreza da região metropolitana da capital mineira (LIMA, 2009).

Participaram da pesquisa onze estudantes. A escolha dos nomes com que os participantes aparecem neste relato foi feita por eles mesmos. A edição de número 2441, de 15 de janeiro de 2009, do jornal popular *SuperNotícia* foi selecionada para

manipulação, já que oferecia elementos como páginas densas e que utilizam variados modos de configurar a relevância e o *framing*. Os estudantes eram apresentados ao jornal e a pesquisadora perguntava se eles já conheciam aquele material, se alguém em casa lia aquele objeto, para que ele servia, se o teriam manipulado alguma vez. Em seguida, os estudantes eram convidados a “ler” dada página, em geral uma dupla com muitas notícias. A pesquisadora passava então a observar e a perguntar por onde gostariam de começar a ler. Observava-se o trajeto do olhar dos estudantes, por onde eles efetivamente começavam e seus comentários. Perguntava-se, então, que relação haveria entre fotos e textos, quais seriam os níveis de importância das notícias, quantas notícias estavam dispostas nas páginas. Para responder a essas últimas questões, era necessário perceber a saliência e o *framing* do leiaute do jornal apresentado.

4 Resultados e discussão

A análise dos elementos que ficaram evidenciados na experiência de leitura de jornais foi feita por categorias que se mostraram relevantes para os jovens e adultos da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri: [a] O que faziam lá e o que esperavam da escola; [b] presença de material de leitura (impresso ou digital) em seus ambientes de convívio; [c] a relação com esse material e o reconhecimento do jornal e de suas funções; [d] o reconhecimento de gêneros textuais presentes no jornal; [e] as saliências e o *framing*, como elementos do leiaute, percebidos (ou não) pelos novos leitores; [f] outros letramentos e outras experiências na cultura escrita que pudessem interferir nesta experiência com o *Super*.

A maior parte dos estudantes tinha fortes expectativas sobre a escola e estava lá em busca de aprender a ler e a escrever. Também foi recorrente a menção ao apoio dos filhos adultos, que tinham mais escolaridade do que os pais. O ambiente doméstico dessas pessoas não favorecia fortemente o letramento, mas foram mencionados livros ganhados por meio de projetos da escola (e do governo), coleções de revistas e jornais trazidos pelos familiares. A Bíblia foi especialmente mencionada, algumas vezes. A função dos jornais foi prontamente reconhecida, fazendo especial sentido a utilização desse material de leitura para procurar emprego, encontrar imóveis para alugar, saber capítulos da novela e obter notícias sempre ruins. Também foram mencionadas outras condutas em relação ao jornal: elemento que só traz notícia ruim, material que só traz

notícia ultrapassada (pois rádio e televisão cumprem melhor o papel de trazerem novidades) ou a simples consideração de que jornais são lixo e devem ser jogados fora.

Os adultos entrevistados não conhecem gêneros textuais do domínio jornalístico pelos nomes: notícia, manchete, legenda, infográfico, etc. são elementos desconhecidos. Graficamente, não reconhecem colunas de texto. Ainda assim, durante uma navegação nem sempre fácil pela complexa página diagramada, os futuros leitores diferenciam imagens de textos, relacionam quase sempre corretamente textos e imagens, são atraídos por manchetes, observam hierarquias (letras grandes, letras menores), embora, na maioria das vezes, não reconheçam explicitamente as marcas gráficas que os fazem navegar pela página de forma orientada. Em sua maioria, estes estudantes percebem o *framing*, sem no entanto conseguir descrevê-lo conscientemente.

Outras práticas de letramento têm influência sobre a leitura do jornal, mesmo se ele for um objeto desconhecido dos entrevistados. O reconhecimento das colunas de texto, por exemplo, foi feito apenas pelos poucos indivíduos que conheciam a leitura da Bíblia.

Considerações finais

Muito embora o letramento visual tenha sido mais focalizado após a emergência das tecnologias digitais de comunicação e informação, sempre foi de suma importância reconhecer a sintaxe de uma página. Kress e Van Leeuwen (2001) se questionam, oportunamente, sobre as razões pelas quais o a gramática visual tem sido tão abordada na atualidade. Dondis (2000) considera esse letramento um dos mais fundamentais para os cidadãos destes e dos próximos séculos.

A despeito de certa tentação de se dizer que se trata de novidades ligadas ao mundo multimodal que nos chega via televisão, computador e aparelhos celulares, a multimodalidade é inerente a qualquer objeto gráfico, há muito tempo.

O analfabetismo dos sujeitos pesquisados não os impede de conhecer funções e sentidos de um produto editorial importante como o jornal; também não os impede de “ler” a página no que ela tem de discurso visual, proposta hierárquica e orientação para a navegação. Essa competência é aprendida e tem fundamental importância para a leitura, já que a disposição dos elementos e seu peso visual podem trazer implicações para a compreensão do texto verbal (RIBEIRO, 2009).

O letramento visual pode prescindir da escola, das técnicas de alfabetização e de aulas de português. Aliás, isso tem sido feito ao longo da história da educação linguística, que trata aspectos visuais como “extralinguísticos” e prefere abstrair o texto de seu cenário, onde ele realmente se apresenta e se completa, conforme a interação com o leitor. É importante, no entanto, que a leitura (e mesmo a escrita) seja vista como uma atividade complexa, cuja encenação decorre de um contato com um objeto também complexo e multimodal, e não apenas com um texto destituído de expressão gráfica.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 9 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. v.1 e 2.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 2 ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSTA, Robson L. Garcia. *Metáfora do impresso*. A cultura do papel e a cultura digital. Relatório final de Iniciação Científica sob orientação de Ana Elisa Ribeiro, Fapemig/CEFET-MG, 2010.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. (1998) Front Pages: (The Critical) Analysis of Newspaper Layout. In: BELL, A.; GARRET, P. (Eds.) *Approaches to Media Discourse*. USA: Blackwell Publishing, 1998. p. 186-219.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. *Multimodal discourse*. The modes and media of contemporary communication. London: Hodder Arnold, 2001.

KRESS; Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images*. The grammar of visual design. 2 ed. London: Routledge, 2006.

LIMA, Perla V. Barbosa. *Uso pedagógico da sala de informática*. Representações de alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Dinorah Magalhães Fabri. Monografia (Especialização em Linguagem e Tecnologia), Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, Belo Horizonte, 2009.

RIBEIRO, Ana Elisa. *O layout e a leitura*. Implicações da diagramação do jornal na compreensão leitora. *Anais do XVIII Encontro da Compós*, PUC-MG, Belo Horizonte, MG, junho 2009.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.